

Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

**O SECULO**

N.º 726

**O GATARRÃO  
GULOSO E O  
RATO HABI-  
LIDOSO ★ ★ ★**

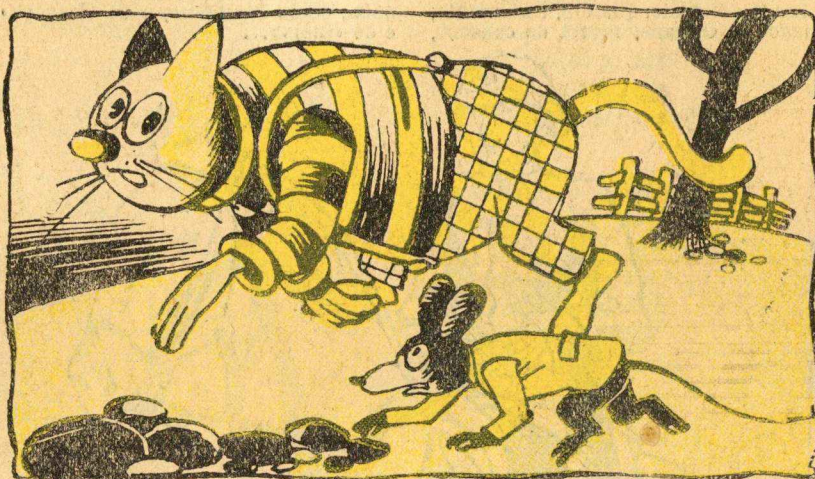
Por MARIA FREDERICA

**U**M certo gato vivia em casa dos donos, muito bem tratado; tinha belo hofe para comer e tudo quanto queria, mas, a-pesar disso, gostava, de quando em quando, de ir jantar fóra.

Uma vez que isso lhe apeteceu, saiu ás escondidas e foi á procura de petisco que lhe cheirasse bem. Dirigiu-se para um jardim que perto havia e, quando ia a passar junto de uma arvore, viu um ratinho entrar para dentro de um buraco no tronco.

Escondeu-se numas ervas e esperou. Dai a pouco, o ratinho saiu, o gato deu um pulo, caiu-lhe em cima e ia já engulfi-lo, quando o rato lhe disse em voz muito afliita:

—«Senhor Gato, não me cõma que eu arranjo-lhe todo o peixe que quiser e do mais fresco que se pode encontrar». O gato achou que valla a



pena experimentar se o ratinho falava verdade e disse-lhe:—«Está bem; não te cõmo, mas só se me trouxeres tanto peixe que não caiba na minha barriginha.»

Foram, então, os dois até á borda de um lago. O Ratinho mergulhou e daí a instantes, punha um lindo peixe diante do focinho do gatarrão que depressa o enguliu. Assim continuaram o rato a mergulhar e o gato a engulir peixes, até que este disse:—«Basta, basta; já não me cabe nem mais uma barbatana.»

—«Então, senhor Gato,— disse o ra-

tinho muito contente — já me posso ir embora?»

—«Não, não; que eu só comi o prato de peixe, agora quero o da carne.»

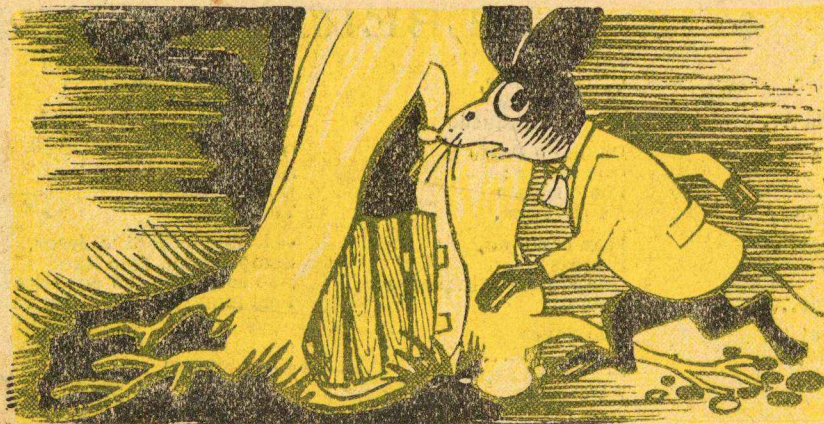
E o gatarrão foi andando, com o ratinho, a tremer, ao seu lado, porque pensava se seria êle o prato de carne que ao gato apetezia. Nesta ocasião, ouviram o chilrear de muitos passarinhos poisados num carvalho ali perto; o gato encaminhou-se para lá e quiz trepar á árvore, mas estava tão pesado de tanto peixe que tinha comido, que escorregava pelo tronco abaixo. Mandou, então, o ratinho subir. Este chegou lá a cima, deu uma dentada num passarinho que caiu e foi logo engulido pelo guloso gatarrão. Assim foi fazendo, até que o gato lhe disse que descesse, que não queria mais pássaros. O ratinho veio, com toda a pressa por aí a baixo, certo de que, desta vez, se podia ir embora. Então, o gato disse-lhe:

—«Agora quero o dôce, para terminar o meu jantar. Vê se me trazes uns bolinhos de areia, como aqueles que se fazem em Cascais.»

O pobre rato ficou atrapalhadíssimo. Onde iria êle, agora, buscar bolinhos?

Encontrou, por sorte, um castor que estava a amassar terra para a sua casa e perguntou-lhe se êle era capaz de lhe fazer uns bolinhos de areia. O castor, como boa pessoa que era, fez-

(Continua na página 6)



# «POMPOM», cavalo de guerra

◆◆◆ Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA ◆◆◆

**V**OU-LHES contar um caso verdadeiro, sucedido há pouco tempo na aldeia de Chateaufort-sur-Loire.

Uma velha camponesa que ali vivia, só tinha um amigo: o seu cavalo «Pompom».

Mas o «Pompom» foi mobilizado e a velhinha chorou muito tempo, no limiar da porta, ao vê-lo desaparecer.

Depois, corajosamente, pôs-se a caminho de Orleans, com o chapéu de chuva debaixo do braço e um pedaço de pão com queijo, na algibeira do avental.

Palmilhou uns quarenta quilómetros, distância que separa a aldeia da grande cidade.

Não a movia a intenção de reclamar o cavalo; o seu fito era outro. Queria, unicamente, saber a que mãos êle teria ido parar e se o seu novo dono o trataria bem.

Era já sol posto, quando, finalmente, chegou a Orleans, morta de cansaço,

com os pés doridos e muito inchados.

No «boulevard de la Motte-Sanguin» estava uma data de cavalos, roendo a erva que crescia entre as pedras.

Estava escuro, porque as árvores altas formavam ali uma espécie de túnel. A velha camponesa procurou o seu «Pompom», chamando-o, docemente, com a voz trémula, velada.

Alguns cavalos levantaram a cabeça, ao ouvi-la, mas olharam-na com indiferença e continuaram logo a fochinar no chão, esfregando as ferraduras contra as pedras.

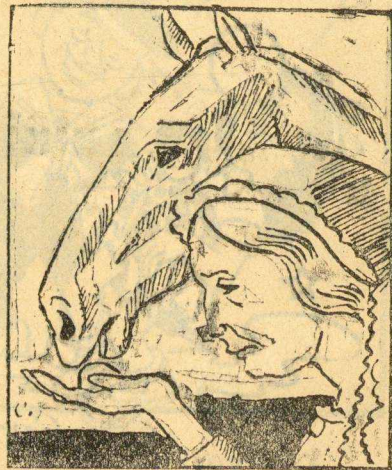
Nenhum dêles era o «Pompom».

Onde pararia êle?

Como é que o havia de encontrar, na escuridão da noite, cada vez mais cerrada?

Aproximou-se duns soldados e interrogou-os.

— Misturámos todos os cavalicoques, os de «Chateaufort», os de «Saint-Benoit», os de «Beaugency», de «Jargeau» e de «Cléry»...



Mas ela não desistiu.

A sua voz débil, continuou a chamar sempre: «Pompom»! «Pompom»! E, por fim, um alegre relincho lhe respondeu. «Pompom» está ali, a dois passos dela, olhando-a com os seus grandes olhos amigos.

Então, a sua velha mão enrugada, acaricia-lhe as narinas, as ancas e o lombo.

Com mil carinhos, deu-lhe o quinhão de pão e três torrões de açuca! que trouxera, propositadamente, para êle.

Foi depois perguntar a um tratador: — Diga-me, se faz favor, o meu cavalo será bem tratado? O seu dono será bom para êle? Para onde é que o levarão?

O soldado nada sabe.

Mas, adivinhando a dôr da pobre velha, com firmeza respondeu:

— Vá descansada, mulherzinha! O seu «Pompom» é dum tenente muito novinho. Amanhã partirá, montado nêle, para Tours.

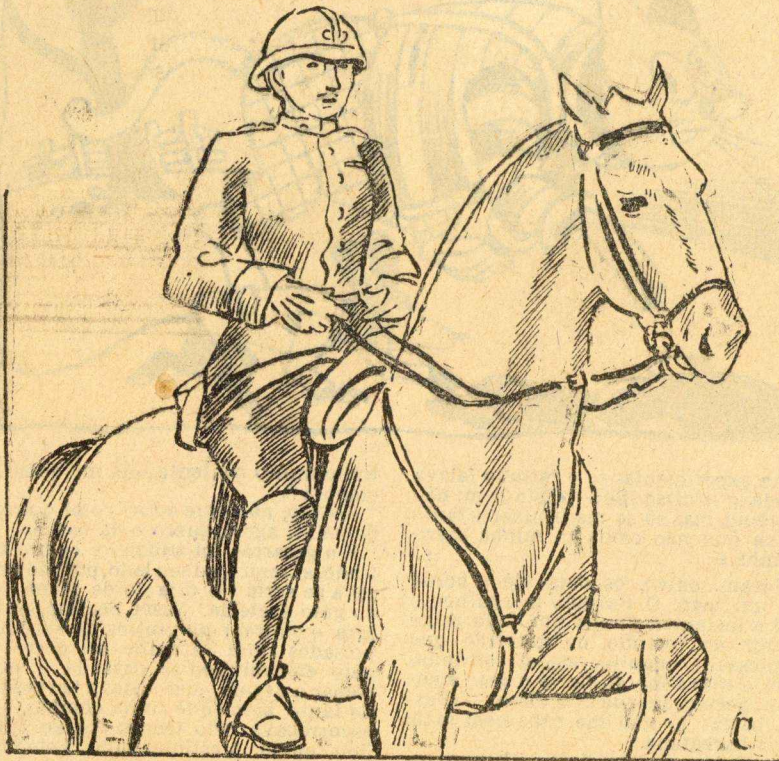
— Um tenente! O meu «Pompom», será um cavalo de oficial. Estou muito contente! Deu-me uma boa noticia! Venha daí, quero oferecer-lhe um copo de vinho.

A velhinha passou tôda a noite sentada num banco do «boulevard», ao pé do «Pompom».

Na madrugada seguinte, partiu para Chateaufort, onde o rio «Loire» é tão lindo e o céu dum azul tão suave.

Todo o caminho foi repetindo:

— Um tenente novinho pesa tanto como uma rapariga... O meu «Pompom» será feliz e certamente tornarei a vê-lo. Tenho muita sorte... muita sorte...



## N A T A L ◆ Por ALBERTO NEVES

**N**O seu solar,  
Tão bonito!  
Eis a brincar  
O Pedrito.

E no seu lar  
Pobrezinho,  
Eis a chorar  
O Martinho.

Que contraste!  
— Pedro é nobre,  
Mas o Martinho  
E' tão pobre!

O Pedrinho  
Vive bem;  
O Martinho  
Nada tem...

Porque será  
Que esta vida  
Assim 'stá  
Mal dividida?...

— Martinho,  
Pelo Natal,  
Chora...  
Porquê, a-final?

E' que o garoto  
— Coitado!  
Queria ser  
Contemplado...

... Então vai ter  
Com Pedrito,  
Que brinca  
Todo bonito,

E pede-lhe,  
Quázi a mêdo,  
Que lhe cêda  
Um só brinquedo...

Diz-lhe o Pedro  
Que bom é:  
Põe o sapato  
Na chaminé.

Faze como eu,  
E verás  
Que alguns brinquedos  
Terás...

Não deves  
Perder a fé...  
— Põe teu sapato  
Na chaminé.

Jesus  
E' nosso amiguinho...  
Sê bom e crente  
Martinho!...

O bom Martinho  
Assim fez,  
E brinquedos  
Teve três...

— E' que o Menino Jesus,  
Sempre bom, pelo Natal  
Não se lembra só dos ricos,  
Pois também aos pobres vale.

F i m

# Consequências da Vaidade



◆ ◆ Por FELIZ VENTURA ◆ ◆

**C**ERTA menina Mosquinha  
era mesmo maluquinha.  
O que qu'ria era dansar.  
A mãe, velha varejeira  
muitas vezes lhe dizia:  
«Minha filha, tem cuidado,  
pois que assim, dessa maneira,  
pode a sorte, que é matreira  
a menina castigar.

Mas a Mosquinha,  
doidinha,  
dizia  
com ufanía:  
— «O' mãe, que mal pode haver  
em eu vos querer mostrar  
o meu tão lindo bailar?  
Ora veja  
que beleza  
de compasso  
tão bem dado!  
Tudo de mim tem inveja  
e fica maravilhado.  
Só acho pouco decente

o sitio onde nós moramos.  
Que reles água furtada!



Nem posso ser admirada.  
Os moveis desconjuntados  
que aqui estão abandonados  
nem, sequer, em mim reparam!  
Passam o dia falando  
do tempo que já passaram.

Por isso vou viajar.  
Disse-me, ali, a Ratinha  
que num país — a Cozinha —  
onde há gente de valor,  
hei-de ser bem recebida,  
mesmo bastante admirada,  
e terei, sem me ralar,  
vida farta e descansada.

Entretanto, a Varejeira  
exclamou, toda a tremer:  
— «Minha filha, não te iludas,  
vê onde te vais meter.  
Essa cozinha maldita  
já me pôs a mim afilita  
e fez o teu pai perder.

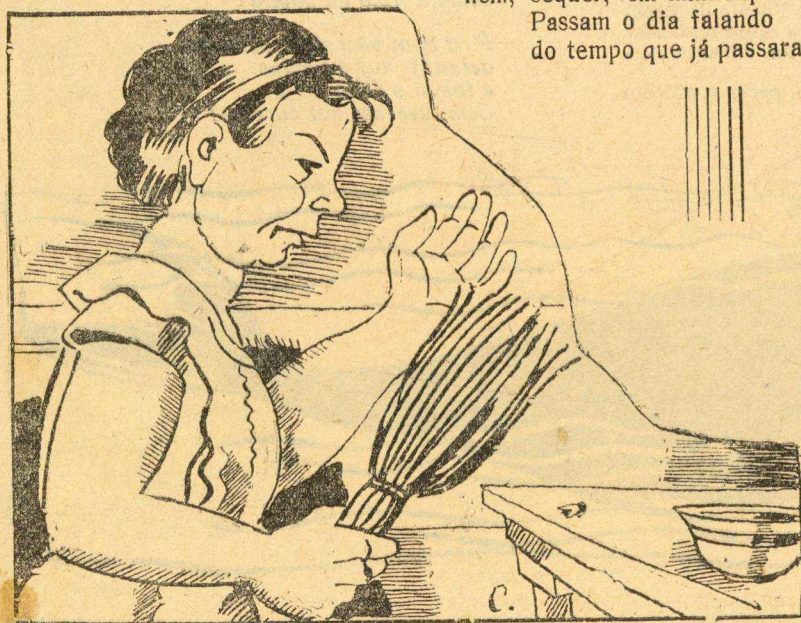
Não te fies em ninguém.  
Deixa-te ao pé de mim estar.  
Se partes, deixas um bem  
que jamais hás-de encontrar!

E querem vocês saber  
o que à môsca acnteceu?  
Riu-se da mãe Varejeira,  
e, seguida da Ratinha,  
caminhou tôda contente  
em direcção da Cozinha.

Quando andava já bailando  
em volta da cozinheira,  
esta diz: — «Que porcaria!...  
Não posso estar descansada!  
Que maldita bicharia!»

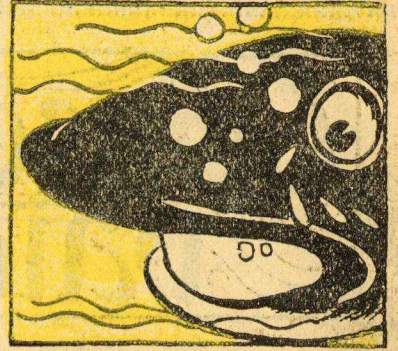
E, dentro em pouco, a mosquinha,  
pela vassoura apanhada,  
foi logo, sem dó, lançada  
no caixote da cozinha.

Há muita gente sem tino  
Que pretende erguer a voz,  
Sem se lembrar que o Destino  
Tem mais poder do que nós.



# A CURA DO BALEOTE

por LEONOR DE CAMPOS



**D**ONA Baleia resfolgava fortemente, aflitivamente, fazendo um ruído atroador. Todos os peixes que passavam, admirados, voltavam as cabeças.

— «Que terá Dona Baleia?»

Mas não se atreviam a aproximar-se, com receio de apanharem uma pancada valente da cauda de Dona Baleia.

Mas a menina Sardinha, alrosa e pequenina, não lhe sofrendo o ânimo ver alguém aflito e não tentar valer-lhe, aproximou-se dela.

— «O que tem, Dona Baleia?» — gritou, engrossando o mais possível a sua voz fininha. Porque sofre? Poderei aliviá-la?»

A interpelada parou um instante de resfolgar, olhou em volta, e, ao ver a menina Sardinha, respondeu, amável e agradecida:

— «Obrigada pelo seu interesse. Mas para o mal que me apoquento, não há remédio.»

— «E pode saber-se qual é?»

— «Vou dizer-to. O meu filho Baleote era uma criança robusta e saudável. Mas há algum tempo começou a enfraquecer, a enfraquecer... e agora...»

O meu filho Baleote  
não presta mesmo p'ra nada...  
Está raquítico, enfezado,  
só pesa uma tonelada...»

E a pobre mãe soluçava, perdidamente.

Menina Sardinha limpou uma lágrima com as barbata-  
nas e perguntou:

— «Já o levou ao médico?»

— «Ainda não!...»

— «Então, apresse-se. Vá consultar o dr. Elefante Mari-  
nho que é médico de valor e, por certo, curará o seu  
menino...»

Dona Baleia agradeceu à Sardinha o conselho e logo se  
pôs a caminho das regiões polares, levando a reboque o seu  
filhinho.

Apenas chegou, tratou logo de consultar o médico. Este  
auscultou o doente, examinou-o e receitou:

— «O seu estado  
é muito mau!...  
Tome Óleo de Fígado  
de Bacalhau!»

Dona Baleia pagou a consulta e foi imediatamente aviar  
a receita.

O Baleote **começou** a tomar o Óleo de Fígado de Baca-  
lhau. A princípio protestava, gritando que sabia mal. Mas  
a mãe não fazia caso dos protestos e, por fim, o pequeno lá  
se habituou.

Foi remédio abençoado. Semanas depois, parecia outro o  
Baleote: Tinha crescido e engordado.

Certo dia, pas-  
seava a menina  
Sardinha descui-  
dadamente,  
quando sentiu o  
refolgar apressado  
de Dona Baleia.

— «Sardinha  
querida: — Venha  
agradecer o teu  
conselho. Levei o meu filho ao médico que me indicaste. E  
o pequeno está curado. Imagina tu que já pesa dez tonela-  
das e meia! Não é muito para uma baleia, é certo — aqui,  
onde me vês, peso cento e dez toneladas — mas já não é  
nada mau! E a ti o devo, minha querida!»

E Dona Baleia, comovida, chegou a bocarra à pequenina  
cabeça da sardinha e, com muito cuidado para a não ma-  
goar, deu-lhe um beijinho repenicado.

Depois, afastou-se aos saltos, a dansar animadamente,  
sem se preocupar com o espanto que a sua atitude causava  
aos peixes que a rodeavam. Então, um deles, carapau estú-  
pido, comentou:

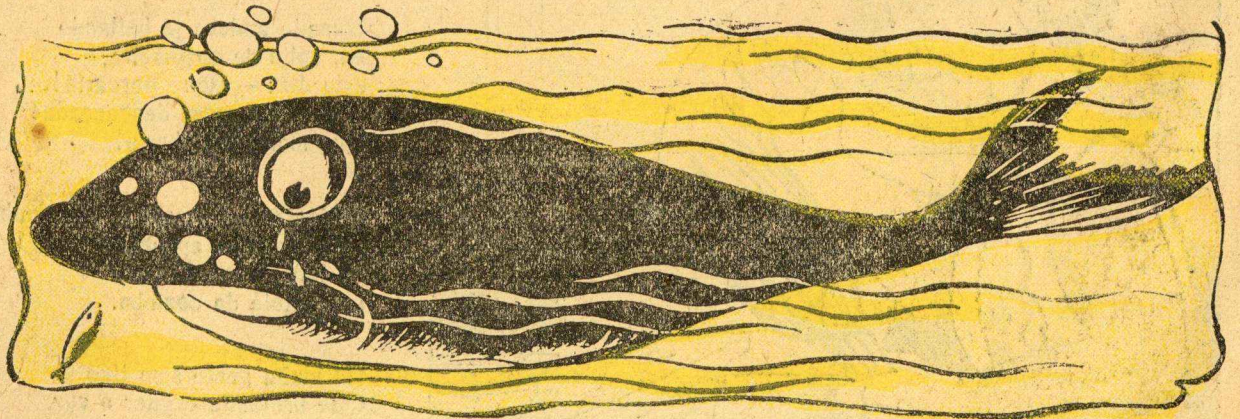
— «Dona Baleia  
ensandeceu!  
Desgraçadinha!  
Está a saltar  
e a pular  
como a Toninha!...»

Mas a Sardinha explicou:

— «Nada disso, amigo!  
Eu vou explicar  
o motivo  
dêste baile singular.  
É que o belo Baleote  
— filho da Dona Baleia —  
está já tão forte que pesa  
dez toneladas e meia,  
porque tomou,  
— dom carapau —  
Óleo de fígado  
de bacalhau!...»

*Não qu'reis pesar, certamente,  
dez toneladas e meia!  
Mas qu'reis ser fortes, robustos,  
como o filho da baleia!*

*P'ra isso, queridos pequenos,  
deixai trêtas e tinêtas  
e tomai o Óleo amigo,  
Sem fazeres mil carêtas!*



# REZA

DO

# ANO NOVO

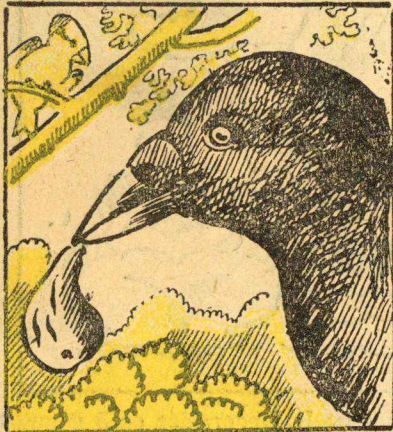
por S. R.

QUE o Novo Ano me traga muita Ventura, muitas alegrias e a Deus prometo, em paga, das suas concessões e regalias, manter uma conduta modelar, usar boas maneiras, não mentir, respeitar os velhinhos e estudar, estudar com afinco, para vir a ser, um dia, um homem, homem útil a mim próprio e aos outros, à Nação!



E não uma pessoa fútil e inconsciente como tantas há!

E que Nosso Senhor encha da sua luz nosso lar, dê saúde à Mamã e ao Papá...  
Pelo Sinal ✠ da Santa Cruz,  
Amem!



# O PARDAL E A PÊGA

por LAURA CHAVES

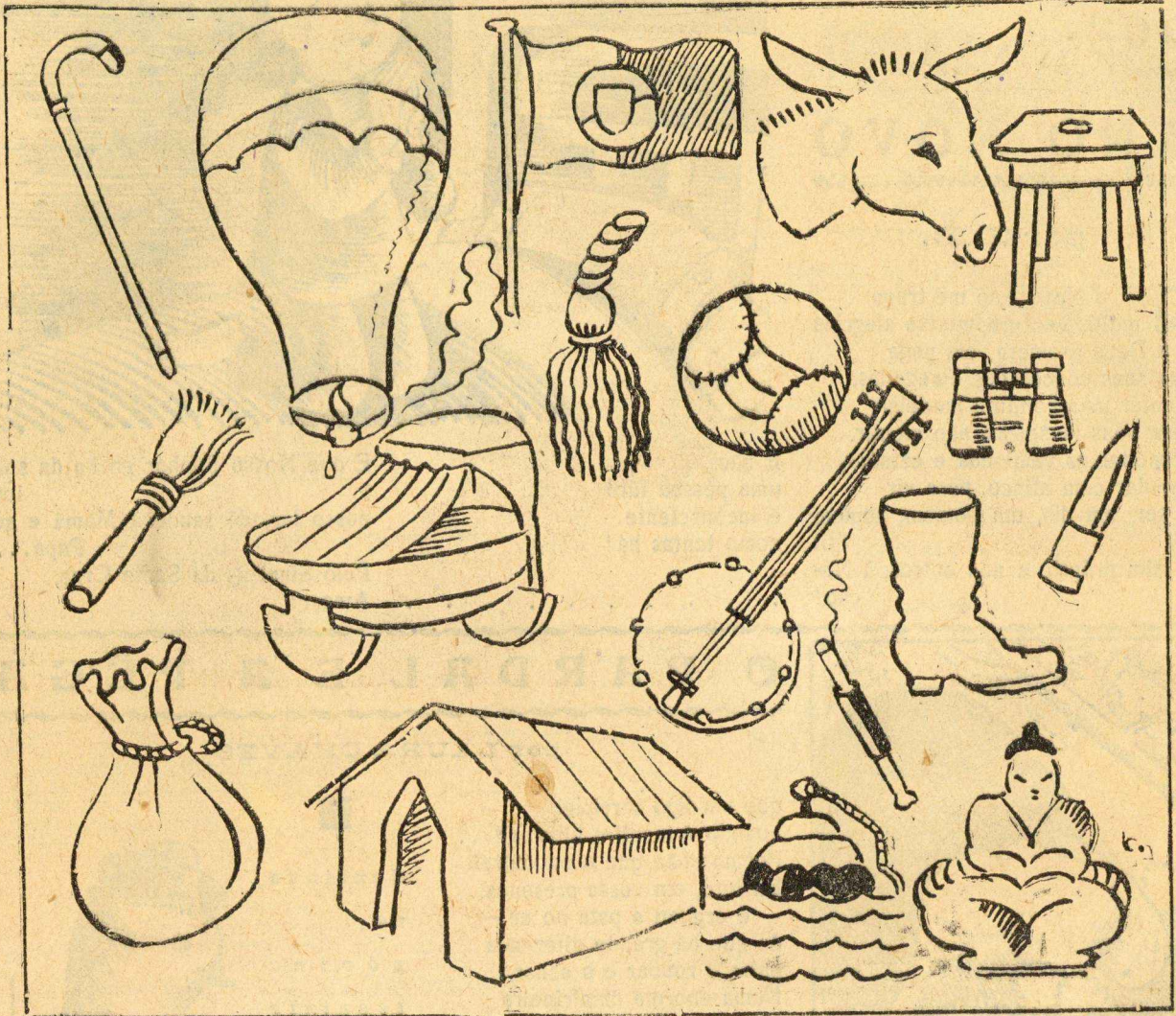
que um figo surripiei quando é mentira infernal!... Foi no chão que o encontrei. Eu juro, em vossa presença, — e ergueu a pata no ar — de que há grande diferença entre o roubar e o achar.» Numa enorme chinfrineira grita o pardal:—«Intrujona! Vi-o roubar da figueira por essa pêga lambona»

Continua na página seguinte

EM todo o reino animal houve grande sarrabulho. Fôra um danado pardal a causa desse barulho. Entre pios e entre berros já estava prêso na esquadra. Tinham-no até posto a ferros por chamar à pega, ladra. A austera D. Perdiz, cheia de tino e razão, foi nomeada juiz para julgar essa acção. Mandou chamar a queixosa que quasi teve um fanico, a chorar, tôda nervosa, limpava ao lencinho o bico. Disse assim:— «Senhor Doutor, que acusação infundada a dêsse difamador! Porque eu cá, não roubei nada! Pois afirma êsse pardal



# UM JÔGO DE OBSERVAÇÃO



Em virtude do manifesto agrado que obtiveram os jogos de observação que temos publicado neste suplemento, oferecemos hoje aos nossos amiguinhos mais êste, que consiste em fixar, **durante 3 minutos**, a gravura à vista e na qual figuram vários objectos que principiam pela letra B. Decorridos os 3 minutos, voltarão a gravura e tratarão de reproduzir, **de memória**, os mencionados objectos.

Sairá vencedor, claro está, aquele que tiver conseguido mencionar maior número deles.

## O GATARRÃO GULOSO E O RATO HABILIDOSO

(Continuado da página 1)

Lhe os bôlos e pô-los num carrinho para o rato levar ao gato guloso.

— «Senhor Gato, aqui tem o doce do seu jantar». Disse o ratinho. Entretanto, foi-se afastando, cautelosamente, com medo que o gatarrão lhe desse alguma patada, pois os bôlos não tinham açúcar.

O guloso começou a comer muito depressa mas quando se encontrou com a bôca cheia de areia, que não podia engulir nem lhe saía da língua, por mais que sacudisse a cabeça, desatou a correr, a correr muito desesperado e nunca mais ninguém o viu.

E todos os ratos, peixes e passarinhos daqueles sítios, acharam muita graça à boa partida que o ratinho habilidoso soube, por fim, pregar ao gatarrão maldoso e gulotão.

## O PARDAL E A PÊGA

(Continuado da página 5)

Houve, então, grande escarcéu, uma grande berraria, um «dize tu, direi eu» e já ninguém se entendia. Até que o doutor juiz, muito severo, iracundo, pela escrivã codorniz mandou calar todo o mundo. Disse o juiz: — «Sem tardança, a Verdade sempre chega. Não me inspiram confiança nem o pardal, nem a pêga. Dá-se êste caso afrontoso

que é preciso bem frisar: «como é que êsse criminoso tem bico para falar?

Se a pêga roubou o figo, ouçam-me bem, — animais! — êle rouba grãos de trigo, logo, êles dois são iguais.»

Tu, que me lês, pensa bem: por dever e por coerência, antes de falar de alguém, mete a mão na consciência.

# Secção de Bordados e Arte Aplicada

Por ARLETE LOPES NAVARRO

## COREOPLASTIA

Há vários trabalhos em Coreoplastia: Há o trabalho vincado, o couro tostado, o couro pirogravado, o couro «repousé» e o trabalho a «mator». O modelo n.º 1, é um dos lados duma tabaqueira ou cigarreira que, depois de executadas, podereis oferecer ao vosso Paizinho, como presente de anos. O n.º 2 é feito em couro vincado.

Primeiramente escolhe-se uma boa pele e fixa-se com uns «punais» a uma mesa ou a uma tábua, própria para estes trabalhos. Com um pano molhado, humedece-se a pele até que esteja bem húmida, tornando-a mais escura. Coloca-se o desenho sobre a pele e, com um ferro vincador, fazem-se os traços do desenho, vincando

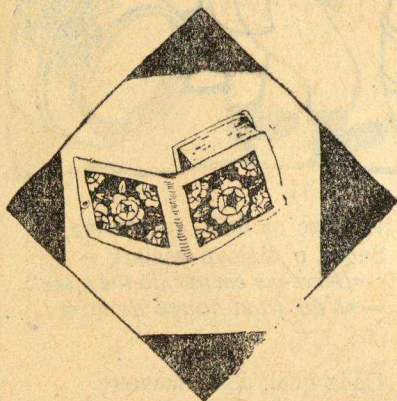


Fig. N.º 2.

sempre, do centro para fóra. Depois do desenho marcado, molha-se novamente a pele e, com o ferro vincador,

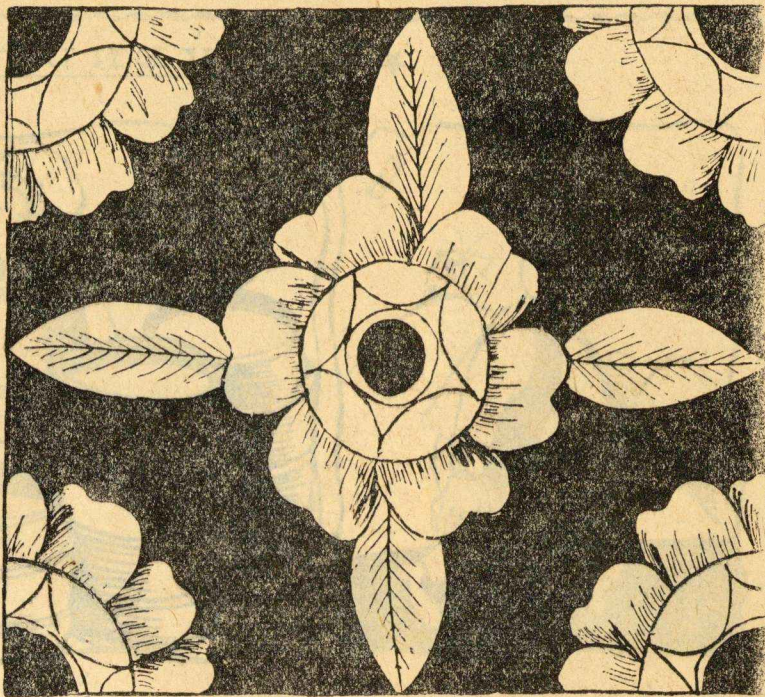


Fig. - N.º 1

acentuam-se, com força, os traços do desenho, para ficarem bem marcados. Com o vincador, carrega-se na pele, para a baixar, a-fim de ficarem em relevo os traços. Em estando sêca, pinta-se a pele que não foi trabalhada com tinta «Coreina», em castanho ou azul, ficando o desenho da côr da pele.

Também fica interessante e é mais moderno o trabalho executado a ferro «mator», para gravar em cabedal. Coloca-se o ferro sobre a pele molha-

da, dando com um martelo uma pancada sêca e forte, sobre o ferro. No fundo do ferrinho, está uma flôr gravada que fica marcada no cabedal. Cobre-se a pele, o fundo que não tem desenho, com essas florinhas, dando sempre no ferro uma pancada forte e tendo o cuidado de ter a pele molhada. Quando a pele estiver completamente sêca, pinta-se todo o trabalho por igual, fundo e desenho, com a tinta «Coreina» Em castanho imita o Couro da Rússia.

## UM BÔLO PARA O ANO NOVO

Tão belo e apetitoso, como ape-tece comê-lo! Vamos, pois, rapidamente, tratar de transformar esta

sedutora visão em optima realidade! E só lerem, com atenção, a receita e executarem-na tal qual ela vos ensina.

Primeiro escolhem uma fôrma de lata comprida e estreita, ou, na falta desta, outra de qualquer feitio.

Untem-na com manteiga e assim ficará pronta a receber a massa, logo que esteja bem batida.

Depois, deitem numa tijela, 3 ovos inteiros e igual pêso de manteiga, açúcar escuro e farinha de trigo. Batam muito bem e, por fim, juntem-lhe uma chávena de chá, cheia de corintos e sultanas e uma colher de doce de fermento inglês.

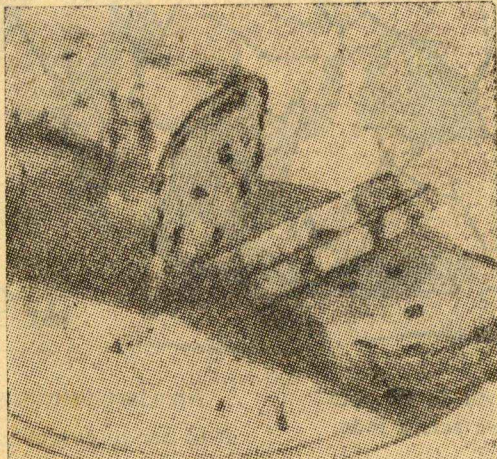
Liguem rapidamente, deitando esta massa na fôrma e metam em forno quente.

Para que as passas, corintos e as sultanas não fiquem tôdas no fundo do bôlo, é preciso envolvê-las, primeiro, em farinha de trigo, o que se faz deitando um pouco de farinha na chávena onde elas estão e chocalhando-as durante algum tempo.

Experimentem esta receita e hão-de ver que se não limitam a fazê-la uma só vez!

Vossa sempre amiga

ABELHA MESTRA.



# OS DOIS FANHOSOS

★ ★ ★ Por VENUTRA ★ ★ ★



**A** feira de Santarem,  
Para comprar uns barris,  
Vai um fanhoso de Ourém  
Que fala só p'lo nariz.

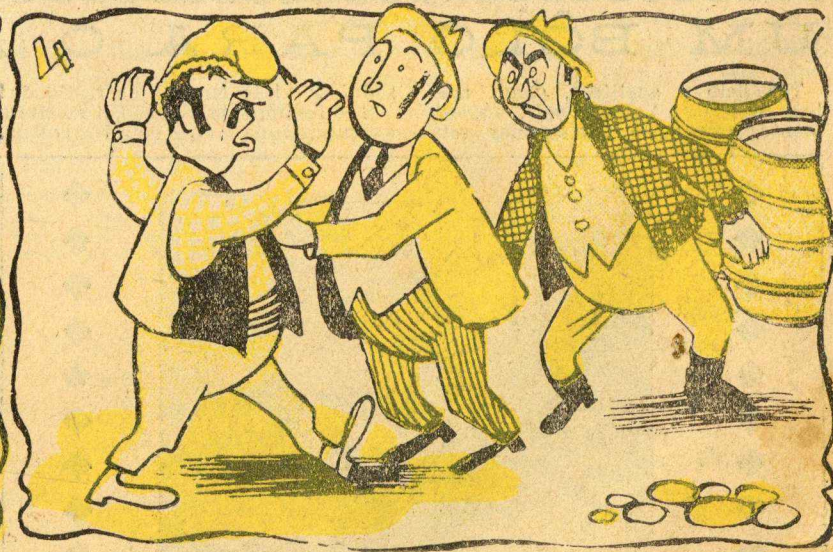
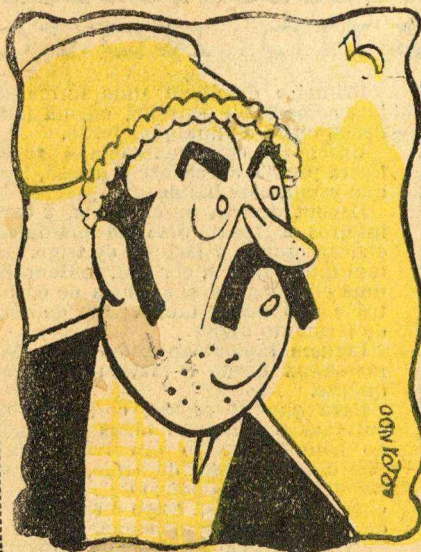
—«Pôr isto quanto pèdis?...»  
Quiz o destino, porém,  
Que o vendedor dos barris  
Fanhoso fôsse também.

Já entre os dois, de perlice,  
Segue o diálogo assim:  
—«Deixe-me em páz, já lhe dissel...»  
—«Não faça pouco de mim!...»

Segue p'lo mercado adiante,  
Em busca desta fazenda  
E pergunta a um feirante  
Que ali tem barris à venda:

E à pergunta nasalada,  
Que lhe faz o comprador  
Responde: —«Vã de abalada!  
Deixe-me cá por fãvor!...»

Cada qual, desta maneira,  
Começa, logo, a julgar  
Que o outro, de brincadeira  
O está querendo desfrutar.



Ganha calor a disputa  
E, ambos, desconfiados,  
Se preparam para a luta,  
De braços arregaçados...

Alguém se põe de permeio  
E, por fim, se aclara tudo.  
.....  
Meninos, olhem que éfeio,  
Que é feio ser-se peludo!

Atendam êste preceito:  
O ser-se desconfiado,  
Além de ser um defeito,  
Dá sempre mau resultado.